

# O HOMEM QUE VIAJAVA: O CARÁTER DOS HOMENS QUE EMPREITARAM A AVENTURA CIENTÍFICA DO SÉCULO DAS LUZES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA PORTUGUESA

Natally Nobre Guimarães

**RESUMO:** Entre navegadores, astrônomos e botânicos, no século das luzes, foram catalogados todo o tipo de informações e artefatos dos recantos mais longínquos da terra. Era uma nova forma de ver o mundo, vinculada ao ser humano e ao seu poder sobre o mundo natural. Uma ilustrada, moderna e racional, realizada pelas nações do Norte da Europa, e outra ultrapassada, mesquinha e predatória, representada pelos países ibéricos. Estabeleceu-se uma verdadeira corrida científica entre as nações européias, todo o tipo de colaboração no esforço de "exploração" dos domínios pertencentes a cada nação era bem vindo, viesse ele de padres, intelectuais, administradores ou militares. Práticas e métodos de observação passaram a ser compilados para servir de guia àqueles que se dispusessem a este trabalho, é o exemplo da *Histoire des Voyages* do abade Prévost. Da relação entre as teorias contidas nestes manuais e a prática vivenciada pelos viajantes, pode-se notar uma rede de relações, que vai muito além da esfera científica ou econômica, dentro das querelas da administração colonial. Atravéz da documentação produzida pelos naturalistas coimbrões Ferreira e Feijó, observa-se dificuldades e facilidades que os manuais lhes proporcionaram, e a relação da praxis com a teoria, nas atividades destes Filósofos Naturalistas a serviço da coroa portuguesa.

**PALAVRAS-CHAVE:** iluminismo, manuais de viajantes, viagens filosóficas.

## Introdução

Navegadores, astrônomos, botânicos, mineralogistas, matemáticos, etc., no século das luzes, eram estes os homens que exploravam os mares e terras do globo.<sup>1</sup> O termo para designar estes homens que mandavam todo o tipo de informações e artefatos dos

---

<sup>1</sup> BOURGUET, Marie-Noeile. O explorador. In: VOVELLE, M. *O homem do Iluminismo*. Lisboa: Presença, 1997. p. 209-249.

recantos mais longínquos da terra para os Jardins e Museus de seus países natais foi sendo formulado ao longo desta experiência, juntamente com a afirmação dessa prática de reconhecimento como o motor das novas disputas de afirmação entre as nações européias.

O homem sempre viajou e se aventurou ao desconhecido. As fantásticas notícias de Marco Pólo sobre as terras do extremo Oriente não são rara exceção. Mas as viagens do século XVIII possuem um caráter totalmente diferente daquele das realizadas pelos conquistadores da América e da África nos séculos XV e XVI. Não era uma busca por posse efetiva de um território e sua exploração rápida e lucrativa. Os métodos e objetivos dos viajantes do século XVIII visavam em primeiro lugar o conhecimento sistemático de todas as partes do globo ainda estranhas aos europeus.

Foi o momento da contraposição entre Antigos e Modernos, velhas práticas e velhos valores contra uma nova forma de ver o mundo, vinculada ao ser humano e o seu poder sobre o mundo natural. Uma querela em meio à “crise da consciência européia”, que colocou em jogo não apenas um conceito de civilização, mas uma disputa política, na qual são julgadas duas formas de colonização: uma ilustrada, moderna e racional, realizada pelas nações do Norte da Europa, e outra ultrapassada, mesquinha e predatória, representada pelos países ibéricos.<sup>2</sup>

Construiu-se uma nova visão da natureza através da arte e da ciência, profundamente influenciadas pelos ideais iluministas, tendo em vista um projeto de conhecimento racional, enciclopédico do mundo natural. Ao longo dos séculos XVII e XVIII, os viajantes buscaram agrupar a natureza numa ordem racional, conforme o sistema de classificação do sueco Karl Lineu. O mundo natural passou então a ser observado, coletado e classificado por uma ciência própria, a Filosofia Natural.

---

<sup>2</sup> TORRÃO FILHO, Amilcar. *A arquitetura da alteridade: a cidade luso-brasileira na literatura de viagem (1783-1845)*. Campinas: UNICAMP, 2006. (Tese de Doutorado) p. 85.

Estabeleceu-se uma verdadeira corrida científica entre as nações européias, todo o tipo de colaboração no esforço de “exploração” dos domínios pertencentes a cada nação era bem vindo, viesse ele de padres, intelectuais, administradores ou militares. Práticas e métodos de observação passaram a ser compilados para servir de guia àqueles que se dispusessem a este trabalho, é o exemplo da *Histoire des Voyages* do abade Prévost. Segundo Duchet, esta obra é uma compilação de como os ingleses viajavam. Analisando os diversos tomos dessa “história das viagens, concluiu que só no XII tomo, datado de 1754, é que deixa-se de apenas narrar a sorte/azar do viajante, para dar olhares aos descobrimentos e a colonização.<sup>3</sup> O viajante das histórias escritas nestes tomos é um herói errante, que está descobrindo a si mesmo em cada bosque, em cada deserto. Em fim, a obra teria contribuído para a evolução da viagem e do viajante, “*um aficionado ilustrado, curioso de todo y capaz de observar todo lo que pueda interesar al conjunto de sus lectores, ese es el viajero ideal y és lo que serán um Poivre, um Bougainville...*”<sup>4</sup>.

Os relatos de viagem tornam-se leitura indispensável, a natureza desvendada pelas ciências naturais aguçava a curiosidade de homens e mulheres instruídos. Uns viajavam, outros se deixavam colecionar os “exotismos” da natureza, criando os chamados Gabinetes de Curiosidades, transformados em indicadores de cultura e status.<sup>5</sup>

Os textos dos viajantes variam muito entre si; uns mais secos com dados de coleta, outros mais romanceados, contando verdadeiras aventuras, detalhando minuciosamente a natureza e a gente encontradas, analisando sua estrutura política e social, etc., vem daí a crença na possibilidade de uma sociedade justa e igualitária.

“*Compañeros de todas las expediciones, enviados en misión a las diferentes colonias, reunieram pacientemente los materiales de*

<sup>3</sup> DUCHET, Michele. *Antropología e Historia en el siglo de las luces*. México: Siglo XXI Editores, 1988. p.75.

<sup>4</sup> *Ibidem.*, p. 83.

<sup>5</sup> CAMARGO, Téa. Colecionismo, Ciência e Império. In: CEDOPE. Ata da VIª Jornada Sececentista. Curitiba: Aos Quatro Vientos, 2005. p. 576-587.

*una nueva ciencia del hombre, coleccionaram las variedades de la especie humana y abrieram el camino a la antropología*".<sup>6</sup> O relato de viagem mostra assim uma evolução sistemática, tendo como primeiro passo a busca por minerais, depois a viabilização da agricultura, a coleta da fauna e flora nativas, o nativo, suas características físicas, sociais e culturais, e a forma recolher, transportar e dispor este material nos Jardins e Museus.

Mas esta concepção de Duchet não é absoluta. Os manuais de viajantes, como se pode chamar esta literatura destinada a instruir todo o homem que pretenda engajar-se no projeto de íntimo conhecimento e domínio da natureza, eram: em primeiro lugar, os diários dos primeiros viajantes, depois houve a evolução para um diário mais metódico e organizado, semelhante ao diário de bordo dos navios, e finalmente os manuais propriamente ditos, criados com esta finalidade: instruir o viajante seja ele leigo ou intelectual.

A *Memóire instrutif sur la manière de rassembler, de préparer, de conserver et dénoyer les diverses curiosités d'histoire naturelle* de Étienne-François Turgot editada em 1758 é considerada a primeira obra realmente instrutiva para os exploradores, sejam viajantes, ou funcionários reais, como no seu caso, que era Governador da Guiana francesa. Em 1772 pela primeira vez publicou-se uma obra que reunia a qualificação do viajante, orientações gerais, os métodos de recolha e conservação de materiais, e instruções sobre o levantamento da economia, da história e da organização social das regiões visitadas<sup>7</sup>; trata-se do *The Naturalist's and Traveller's Companion* escrito pelo inglês Coakley Lettson. A grande contribuição deste manual no estudo das viagens e dos viajantes, não está no fato de aglomerar todas estas instruções num mesmo volume, mas sim pela percepção

---

<sup>6</sup> *Op.cit.* DUCHET. *Ibidem.*, p. 101.

<sup>7</sup> PEREIRA, M.R.M. e CRUZ, Ana Lúcia R. B. da. *Instructio Pregrinatoris: Algumas questões referentes aos manuais portugueses sobre métodos de observação filosófica e preparação de produtos naturais da segunda metade do séc XVIII*. p. 6

de sua “modernidade” ao criticar o simples colecionismo de curiosidades, e enfatizando o cunho utilitário da Filosofia Natural.

O perfil do viajante foi se aperfeiçoando paralelamente ao progresso dos manuais, utilizando de seus próprios fracassos e sucessos como exemplo de conduta a ser incorporada pelos demais: A diatribe de Lapérouse é um destes casos. Somente o intérprete da expedição, Lesseps, e os diários da primeira parte da expedição, que iria da Rússia à Versalhes, retornaram para casa. Toda a expedição desapareceu no misterioso naufrágio de Vanikoro.<sup>8</sup> Temendo um naufrágio, o navegador preveniu-se de que suas descobertas não seriam em vão deixando Lesseps em terra, com o material da primeira parte da expedição.

Diários e Relatos de viagem já circulavam mesmo antes da produção dos manuais, e não cessaram de circular paralelamente a estes durante todo o século. A prática de se fazer cópias dos documentos das expedições impedia que as descobertas fossem perdidas por imprevistos como intempéries da natureza, ou mesmo a morte precoce do viajante, seja por mar, como sucedeu com Lapérouse, ou por terra, como ocorreu ao português Francisco José Lacerda de Almeida, que morreu ao tentar atravessar de Leste a Oeste o Continente africano em 1798, mas seus diários serviram de guia para a viagem de Livingstone.

## A aventura científica portuguesa

Mesmo hoje, como no século XVIII, a historiografia da ciência continua ignorando a experiência dos países ibéricos na corrida pelo conhecimento do mundo natural, mantendo o exclusivo alinhamento com a tradição inglesa e francesa, tendo como exceção a Suécia, pelo fato de que Lineu não pode ser ignorado.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> *Op.cit.* DUCHET. p. 236-237.

<sup>9</sup> *Op.cit* PEREIRA. p. 7.

Em Portugal, como também na Espanha, o processo de recolha da natureza foi desde o princípio dirigido pelo Estado. Antes mesmo do envio de naturalistas, funcionários administrativos, militares e outros indivíduos esclarecidos já enviavam materiais para equipar o complexo d'Ajuda.

Os grandes ícones deste processo em Portugal e em suas colônias foram o Marquês de Pombal, ministro de D. José I; o Naturalista Domingos Vandelli, e Martinho de Melo e Castro, Ministro do Ultramar de D. Maria I. A partir da reforma da universidade de Coimbra, foi possível o surgimento de espaços acadêmicos onde estavam presentes as ciências modernas, sendo o primeiro deles a Academia Real de Ciências de Lisboa, a partir de 1771. A reforma levada a cabo pelo Marquês de Pombal em diversos setores do Estado português, vinha atender não só as necessidades político-econômicas do reino, mas aos anseios de uma elite intelectual muito próxima da esfera iluminista circundante no resto da Europa, a reforma criou modelos, rupturas e um corpo social que vão estar presentes na Academia Real.<sup>10</sup>

Todo o Ocidente europeu se via envolvido de alguma forma num projeto de conhecimento enciclopédico do mundo; seja enviando expedições para catalogar a natureza de seus territórios metropolitanos e coloniais<sup>11</sup>, ou fornecendo intelectuais que incrementarão este processo em outros países, o que é o caso da Itália. A ciência criada para suprir este propósito foi a Filosofia Natural. Baseada nos pressupostos do sueco Lineu, e do francês Buffon, esta ciência vai incorporar novas perspectivas sobre o domínio da natureza pelo homem. As expedições realizadas pelos naturalistas (os intelectuais formados em Filosofia Natural) eram conhecidas por

---

<sup>10</sup> SILVA, Clarete Paranhos da. *O desvendar do grande livro da natureza: um estudo da obra do mineralogista José Vieira Couto, 1798-1805* São Paulo: Annablume, 2002. p. 50.

<sup>11</sup> MOUTINHO, Lucia A. *A produção iconográfica de Ângelo Donati no contexto ilustrado português*. Curitiba: UFPR, 2004. (Monografia defendida no curso de graduação em História) p. 20

Viagens Filosóficas. A maior das enviadas ao território brasileiro com este propósito foi a composta por Alexandre Rodrigues Ferreira (doutor naturalista), Agostinho Joaquim do Cabo (jardineiro-botânico), Joaquim José Codina e José Joaquim Freire (desenhistas), que, entre 1783 e 1792, explorou os territórios das Capitanias de Mato Grosso, Rio Negro e Grão Pará. Esta expedição legou um rico acervo a respeito da região; desde a catalogação de plantas e animais até certos textos de cunho etnológico<sup>12</sup> sobre as nações indígenas.<sup>13</sup>

Estes indivíduos fazem parte da segunda geração de intelectuais coimbrões egressos da Universidade reformada. Domingos Vandelli foi o mentor destas gerações, tanto como diretor do Real Museu, como mestre na Universidade. Juntamente com engenheiros-cartógrafos, matemáticos, clérigos, funcionários da coroa, e até degredados enviaram materiais para enriquecer as coleções do Real Gabinete e Jardim Botânico da Ajuda, do museu particular da rainha ou da Academia das Ciências. Além do que foi recolhido durante as viagens científicas ao reino ou às colônias ou, ainda, as aquarelas da Amazônia de Codina e Freire, que acompanharam Rodrigues Ferreira na sua viagem, ou os herbários do jardineiro-botânico Agostinho Joaquim do Cabo, igualmente participante na mesma expedição. Havia, também, as remessas enviadas pelo vice-rei do Brasil, D. Luís de Vasconcelos e Sousa, e pelos governadores e capitães-generais de Minas Gerais, Cuiabá, Piauí, Ceará, Maranhão, Mato Grosso, Goiás, Pará, Rio Negro ou, ainda, por Francisco da Cunha de Meneses, governador da Índia, e D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho, durante o período em que administrou Angola, e por tantos outros que se interessaram pelas

---

<sup>12</sup> É anacrônico utilizar este termo para a época, mas alguns estudiosos como a já citada Michèle Duchet, em *Antropología e Historia en el ciclo de las luces* o utilizam com as devidas ressalvas, para poder indicar que na época já se realizavam discussões neste sentido.

<sup>13</sup> RAMINELLI, Ronald. Ciência e colonização – Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. *Tempo* v. 3, n. 6, 1998, p. 2.

produções naturais e curiosidades científicas nos diferentes pontos do Império.

Das capitarias do Rio de Janeiro e do Rio Negro, o bispo da diocese carioca e o primeiro comissário-geral das demarcações de limites no norte do território enviavam amostras de anil, consideradas de excelente qualidade e destinadas à tinturaria e a uma eventual exportação para a Rússia. Também do Pará e da Bahia chegavam dicionários e relações descrevendo as plantas nativas, os primeiros remetidos pelo brigadeiro Joaquim Machado de Oliveira e as segundas, pelo conde de Arcos, governador e capitão-general da Bahia de Todos os Santos. Solicitou-se, ainda, a colaboração de ameríndios (estes considerados exímios embalsamadores de espécies animais), africanos e asiáticos, afinal, dos indivíduos que melhor conheciam a fauna e a flora da região em que habitavam. Além disso, eram, ainda, consultados sobre a utilização ou a aplicação que esses produtos podiam ter na agricultura, na indústria, no comércio ou na farmácia.<sup>14</sup>

## Entre a teoria e a prática

A expedição de Ferreira foi a maior já enviada aos territórios coloniais portugueses. Originalmente deveriam ter vindo juntos ao Brasil Alexandre Rodrigues Ferreira, Manuel Galvão da Silva, Joaquim da Silva e João da Silva Feijó, que em conjunto preparavam-se para esta viagem nos Jardins do Palácio da Ajuda.<sup>15</sup> O grupo ficou provavelmente sob a supervisão do jardineiro chefe Julio Mattiazi. No final de 1782 a equipa da grande expedição foi desmembrada indo Ferreira sozinho para o Brasil, José Joaquim da Silva para Angola,

<sup>14</sup> DOMINGUES, Ângela. Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Vol. VIII, 2001. pp. 823-838.

<sup>15</sup> CRUZ, A L. R. B. da. As viagens são os viajantes: Dimensões Identitárias dos viajantes naturalistas brasileiros do século XVIII. *História: Questões e Debates*, n. 36, Curitiba: Editora UFPR, 2002. p. 69.

Manoel Galvão da Silva para Moçambique e João da Silva Feijó para as Ilhas de Cabo Verde. É possível que o desmembramento da expedição à Amazônia, planejada por Vandelli e composta pelos quatro Naturalistas tenha sido causada pela corrida científica estabelecida entre as nações européias, visando recolher e dar a conhecer um maior número de espécies trabalhando separados. Estar à frente nesta corrida era uma questão tanto econômica, como de orgulho nacional.<sup>16</sup>

O fato de todos os nomes aqui citados serem de intelectuais oriundos das colônias portuguesas não altera em nada a questão do orgulho nacional, todos se vêem como portugueses, e servem à sua nação como tal, ser brasileiro a esta altura, refere-se apenas a uma pátria natal, o local de origem, e não a uma nacionalidade; a única pensada neste momento é a portuguesa.

Os membros da expedição de Ferreira, assim como outros Naturalistas portugueses, foram instruídos na nova Universidade de Coimbra, reformada tanto física quanto intelectualmente no período pombalino. Tanto a Universidade quanto outros centros intelectuais receptores das produções naturais vindas do reino e das colônias, como a Academia Real de Ciências de Lisboa, empenharam-se no esforço de sistematizar e padronizar estas remessas, produzindo-se manuais sob sua encomenda.

O Naturalista português, segundo José Antonio de Sá, deveria ser:

Ágil, perspicaz, dócil, capaz de se insinuar na vontade dos Povos, e das Gentes, de quem há de indagar e conhecer infinitas cousas: de costumes desconhecidos, de huma probidade, e moral justa, e santa: desabusado, e crítico: que na seja temeroso para penetrar o abysmo dos fossos: e prudente, a fim de se não precipitar.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> PEREIRA, M. R. de M. Um jovem naturalista num ninho de cobras: A trajetória de João da Silva Feijó em Cabo Verde, em finais do séc. XVIII. *História: Questões e Debates*, n. 36, Curitiba: Editora UFPR, 2002. p. 30.

<sup>17</sup> SÁ, José Antonio de. Compendio de Observações que formão o plano da Viagem Política, e filosófica, que se deve fazer dentro da pátria. Dedicado a sua Alteza Real

Como conseguir engenheiros e pintores para uma Viagem Filosófica nem sempre era fácil, Vandelli advertia que as melhores plantas eram as que foram produzidas por aqueles que eram ao mesmo tempo Filósofos e Pintores.<sup>18</sup> Sá ainda exige outras habilidades como:

ser muito instruído na Geografia, na Arithmetica, Geometria, Trigonometria plana, na Historia Natural, Física e Chimica: saber, por hum systema, reduzir os productos naturaes a Reinos, Classes, Ordens, Gêneros, Espécies, Variedades; terá a Sciencia da Metallurgia Mathematica, que comprehende a Geografia, e a Geometria subterrâneas; da Metallurgia Mecânica, que involve a arte de cavar, extrahir as minas, tirar as pedras devidamente; da Economia e Arquitectura Hydraulica, e aerometria subterrâneas; da metalurgia chimica, mnticular, Econômica e Legal: e em fim de outros mis conhecimentos, que indispensavelmente deve aplicar para huma perfeita viagem.<sup>19</sup>

Na Europa do século XVIII, não só em Portugal estava se consolidando a figura heróico-romântica do viajante Naturalista, capaz de qualquer esforço para cumprir sua missão, até a trabalhar se preciso fosse. Mas de fato as condições físicas dos viajantes europeus demonstraram-se frágeis frente ao impacto microbiano dos demais continentes, sendo a mortalidade entre os viajantes foi bastante alta. Tal fato demonstra as vantagens não só econômicas das nações ibéricas em envolver colonos nestes projetos. Além de promover uma aproximação com as elites coloniais através da estadia de seus futuros membros na corte, os naturalistas-colonos eram muito mais resistentes às adversidades naturais de seus próprios continentes que os europeus seriam.<sup>20</sup>

Alexandre Rodrigues Ferreira, que passou quase dez anos percorrendo as capitania do Rio Negro, Grão Pará, Mato Grosso e

---

o sereníssimo Príncipe do Brasil. Pelo Doutor José Antonio de Sá. Oppositor as cadeiras de leis da Universidade de Coimbra, e correspondente da Academia de Sciencias de Lisboa. Lisboa: Academia de Ciências de Lisboa, 1783.

<sup>18</sup> VANDELLI, Viagens Filosóficas, p. 2-3.

<sup>19</sup> SÁ, J. A. Op. Cit. p. 45-47.

<sup>20</sup> *Op.cit*, PEREIRA. Istructio... p. 18.

Maranhão, além de queixar-se do excesso de trabalho por conta da falta de mão-de-obra especializada na expedição, instruiu indígenas para auxiliarem-no nos serviços, mesmo os mais delicados, tais como a Taxidermia.

Além das principais habilidades físicas e intelectuais de um viajante ideal, escrevia-se, e muito sobre como ele deveria efetuar a recolha e classificação dos materiais, e estas “normas” eram destinadas não só aos filósofos naturalistas, mas também à todos aqueles indivíduos de diferentes categorias, interessados em participar do processo de constituição da história natural da colônia.

Em 1781 foram produzidos em Portugal dois manuais: um, intitulado *Breves Instrucçōens aos correspondentes da Academia de Sciencias de Lisboa sobre as remessas dos productos e notícias pertencentes a História da Natureza para formar um Museo Nacional*, e o outro *Méthodo de Recolher, Preparar, Remeter, e Conservar os Productos Naturais. Segundo o plano que tem concebido, e publicado alguns Naturalistas, para o uso dos Curiosos que visitam os sertões, e costas do Mar*. O primeiro, apesar de direcionado aos membros da Academia, foi largamente distribuído as governadores e altos funcionários dos territórios ultramarinos. O segundo, permaneceu inédito. Ambos os manuais são atribuídos pela historiografia aos naturalistas que trabalhavam na Ajuda sob os auspícios de Vandelli<sup>21</sup>, mas o *Méthodo de Recolher* tem uma peculiaridade, a Grafia é de Alexandre Rodrigues Ferreira, e as ilustrações de Codina e Donatti.

Segundo o Plano que tem concebido e publicado alguns Naturalistas para ouro dos curiosos que visitão os Certoins e Costas do Mar. Lisboa. Anno de 1781

Trata-se neste volume de ensinar aos curiosos os meios de concorrerem para o Gabinete Nacional. A nimguem se pergunta, se ele he util, ou não. Como oq se quer são obras, e não palavras principie-se a escrever, das q. se devem applicar. Recolher com a exacção precisa os produtos todos q se encontrár: preparalos de modo q reprezentem oq são: remetelos com sucesso, e

---

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 9.

conservalos o mais tempo q for possivel, exíguas tarefas principais de q. pende hum Gabinete. Isto porem he oq. Difficilmente se conclue, se nas precedem humas poucas de suppoziçions, q. reduzem-se ás seguintes.

Suppomos (1º) q. tudo quanto he creado he digno de observar-se, ou He dissuadido por consequëncia as palavras sevandija, objecto desprezível, q. se applicão a alguns corpos naturais.

2º Que todos quantos corpos propõem a Natureza às novas observaçions, ou são Animais, ou Plantas, ou Minerais.

3º Que a enumeração, descripção de cada huma destas substancias forma o q' chamão os Naturalistas 3 Reinos.....Animal,.....Vegetal.....e Mineral.

4º Que assim como se divide o reino civil em Províncias, Cidades, Vilas, Aldeas, do mesmo modo o Natural, para mais facilmente se conhecerem os seus seres, distribue-se em Classes, Ordens, Gêneros, Espécies, e variedades.<sup>22</sup>

Este trecho do prefácio do *Méthodo* dá uma visão geral e simplificada do trabalho de recolha, e organização do material coletado: tudo e todos sã bem vindos, e todos materiais serão classificados conforme o sistema de Lineu. Como já dito apesar de identificadas as participações de Rodrigues, Codina e Donatti, o texto é assinado coletivamente pelos “naturalistas da Academia”, de certa forma, todos os que estivessem presentes na Academia a época, teriam contribuído para a conclusão desta obra. Ferreira, no caso, ainda nem havia embarcado para o Brasil, só tinha como prática a estadia no Jardim da Ajuda, e algumas curtas explorações dentro do reino mesmo, mas tinha muita erudição dos textos que Vandelli<sup>23</sup> ministrou a ele e a seus colegas, entre estes, o de Turgot.

---

<sup>22</sup> *Methodo de Recolher, Preparar, Remeter, e Conservar os Produtos Naturais. Lisboa. Segundo o plano que tem concebido, e Publicado alguns Naturalistas, para o uso dos curiosos que visitam os sertões, e costas do Mar.* Lisboa: Academia de Ciências, 1781. p. 1-3.

<sup>23</sup> Vandelli é um dos estrangeiros contratados pela coroa portuguesa para compor o quadro de intelectuais da Universidade de Coimbra após a incorporação da Filosofia Natural. Cabia a ele preparar os naturalistas para as viagens e administrar o Jardim Botânico da Ajuda.

Outro Manual de relevância é o escrito por Agostinho Jozé Martins Vidigal. O prefácio deste texto é um verdadeiro elogio à natureza, à importante tarefa da Filosofia Natural em desvendá-la através da razão, e a nobreza dos homens que se dedicam a esta missão.

Methodo De fazer observaçoens e exames necessários para o augmento da Historia Natural com os meios de preparar, conservar, e dispor nos Museos os diversos productos da Natureza.

Por Agostinho Joze Martins Vidigal

O Espírito Humano altivo, e amante de novidades, mui poucas vezes se satisfaz com os objectos que se lhe offerecem nas obras de limitado artificio; elle só se contenta, quando no exame das couzas que ainda não conhece descobre o útil, e maravilhoso que o encanta. Esta a razão porque o estudo da Natureza com excesso e vantagem atodos os mais merece hoje a meditação dos maiores Críticos[...]A sciencia da natureza nos faz possuir semelhantes bens; todas as cousas creadas, as mais bellas, as mais preciosas, e as mais desejadas, todas as cousas em fim que se offerecem aos nossos sentidos, se comprehendem no vasto objecto desta sciencia. Hua sciencia para cujo sujeito envolve em si innumeraveis infinidades de objectos necessarios proveitosos, e agradáveis ao homem, he a unica capaz de fartar os talentos grandes; ella os obriga aque repetidas vezes reconheção, e confessem abon<sup>e</sup>. incomprehensivel de seu creador, ella faz com que cada dia recontem, e apregoem a sua inegavel providencia, ella em huma palavra, os chega a preencher da satisfaçao que justamente ocupa os animos dos que se conhecem proveitозos a si, e uteis á sociedade.<sup>24</sup>

O bem comum, o nacionalismo, e a idéia de utilitarismo estão intrincados ao definir a História Natural para o Estado português, um conceito não pode ser isolado do outro, para que faça sentido dentro da dualidade da modernidade contra a antiguidade, e de Portugal contra as outras nações dentro da corrida científica.

Sendo pois tam necessario, e agradavel o estudo da Historia Natural, e sendo homens, que em todas as Naçoens á proporsão da sua maior vivacidade de industria este hea com maior calor exercitado; chegando a conhecerem tanto o seu proveito no Comercio, nas Artes, e na Agricultura,

---

<sup>24</sup> Inscrições da capa do dito méthodo.

que não contentes os que professam estas com as muitas e grandes descobertas, que de continuo lhe offerecem os Filozofos, elles mesmos se entregão ao Estudo, e contemplação da natureza nos Museos dos Principes Nacionaes, vindo finalm<sup>te</sup>. a trabalharem na aquizição de colleçōens proprias, em que com mais facilidade possão cesar a sua applicação e que sendo indispensáveis para a dita aquizição de colleçōens copiozas, que de força devem ser compostas dos productos da natureza derramados por todo o mundo; as viagens, e o methodo de os recolher e conservar incorruptos; com todas as observações fizicas, e necessárias; por estes motivos alguns zelosos do bem publico se empregarão na composição de diversas memorias pertencentes a semelhantes fins.

M. Marvye publicou o methodo para recolher as curiosidades da Historia Natural [...] David Hultman discípulo de Lineo, publicou o methodo de preparar os Animais e Vegetais. Henrique Andre Nordblad, também discípulo de Lineu nos fez ver huma bem trabalhada Dissertação em que da regras uteis para haver de se recolher proveito das viagens, principalmente no que respeita á Historia Natural Sahio depois huma obra intitulada o Viajante Naturalista, as instruções sobre os meios de recolher e conservar os diversos objectos da Historia Natural por João Coakley Lettsom. D. Casimiro Gomes Ortega ordenou sua instrução sobre o modo de transportar plantas perennes ou vivas por mar e terra aos países mais distantes. O Senhor Doutor Vandelli communicou aos Naturalistas destinados ao exame dos productos do Brasil, hum plano do observaçōens accomodado áquelle Continente, ensinando-lhe mais a maneira e diversos methodos de os recolherem, conservarem e remeterem para este Reyno. A Academia das Sciencias de Lisboa fez imprimir hum resumo desta memoria instructiva.<sup>25</sup>

As duas últimas frases do trecho referem-se ao projeto da grande expedição a Amazônia que não chegou a ser realizar, ao menos não na forma como Vandelli e os Naturalistas a imaginavam, “*O Senhor Doutor Vandelli communicou aos Naturalistas destinados ao exame dos productos do Brasil, hum plano do observaçōens accomodado áquelle Continente, ensinando-lhe mais a maneira e diversos methodos de os recolherem, conservarem e remeterem para este Reyno*”. Parece que enquanto ainda estavam transitando na

<sup>25</sup> PEREIRA, M. R. M e CRUZ, Ana Lúcia R. B. da. *Instructio Pregrinatoris: Algumas questões referentes aos manuais portugueses sobre métodos de observação filosófica e preparação de produtos naturais da segunda metade do séc XVIII*.

Ajuda, fazia parte de formação dos nossos naturalistas produzir estes manuais, como se vê em outro trecho do mesmo prefácio:

O Senhor Doutor Vandelli me encarregou de huma memoria cujo sujeito fossem as mencionadas materias. O conhecimento da humildade dos meus talentos, e da falta de noticias e princípios indispensáveis p<sup>a</sup>. obra de tanto pezo, me obrigou a julgar, que o propor-se hum estudante de Historia Natural semelhante memória, e com especialidade no tempo letivo de duas laboriozas aulas, seria o mesmo que metter-se em hum póço a que não podesse tomar fundo, nem sondar o lastro. Como porem de huma parte melhor a esse preceito de huma lente! e da outra me estimulasse o ardente zelo, em que ferveo sempre o meu animo de mostrar que seja útil aos proprios concidadãos: eu me propuz huma brevissima memória que ficasse sendo como hum desenho em breve dos officios dos Naturalistas, deixando o vivo, e animado das suas cores para q<sup>ue</sup> com maiores conhecimento e em mais tempo hás podesse dar. Nesta mesma porem falta de saúde immediata ao tempo em que comecei o trabalho, me impedio de satisfazer ainda ao mesmo pouco, que esperava executar.

Duas serão pois as p.<sup>tes</sup>. Da seg.<sup>te</sup> memória. Na primeira mostrarei metodo de fazer observações necessárias para aumento da Historia Natural; na segunda mostrarei os meios de preparar, conservar e dispor nos Museos os diversos productos da natureza.<sup>26</sup>

Neste último trecho do dito *Methodo*, Vidigal deixa bem clara a sua condição de ainda estudante, mas conhedor das práticas e teorias de que deveria se utilizar, num equilíbrio de virtudes de modo a “que não seja temeroso para penetrar o abysmo dos fossos: e prudente, a fim de se não precipitar”. Deste modo, o naturalista deveria ter um espírito aventureiro e ao mesmo tempo uma prudência que não o prejudicasse.

Sobre a Instrução política, o viajante deveria ser um “jurisconsulto instruído nos Direitos Natural, Publico, e das Gentes, nas Leis Patrias, Geraes, e Foraes: que conheça quanto puder ser a historia do paiz, os seus principaes costumes, e genio; que saiba os

<sup>26</sup> VIDIGAL, A. J. M. *Methodo De fazer observações e exames necessários para o aumento da Historia Natural com os meios de preparar, conservar, e dispor nos Museos os diversos productos da Natureza*. Biblioteca Nacional de Lisboa, cód. 8520. p. 1-4.

verdadeiros interesses das nações, as leis do commercio, das manufacturas, e artes". A necessidade de averiguação do que o naturalista denominava político, demandava um conhecimento amplo sobre direito, economia e história. A presença em maior ou menor grau destas características exigidas do naturalista, assim como quais métodos efetivamente utilizou nas suas expedições variou de acordo com sua formação e com o caráter de cada viagem.<sup>27</sup>

Alexandre Rodrigues Ferreira, que partira de Coimbra com um Jardineiro e dois Desenhistas, logo perde o Jardineiro que falece das doenças tropicais que quase o matam também. Enquanto tenda observar, recolher, preparar, identificar e enviar materiais dos territórios que percorre, prepara indígenas para auxiliarem nos trabalhos. Viajando pelos rios da Amazônia está constantemente exposto aos perigos das águas, além daqueles escondidos em terra. Durante a década que durou sua viagem, mapeou rios, descreveu a agricultura, fez contato com as diversas nações indígenas dedicando-lhes memórias e pranchas, explorou possíveis jazidas minerais, observou a situação político-econômica dos colonos. Por fim, casou-se com a filha do mesmo capitão que gastou boa parte de sua fortuna financiando a Expedição Filosófica, e tornou-se Diretor da Ajuda.

Com este breve resumo da trajetória do Baiano Alexandre Rodrigues Ferreira, após embarcar para o Brasil, é possível traçar o quanto de verdade havia nos manuais a respeito das características de um bom naturalista. Quanto aos dotes da Alma, ele certamente foi ágil e perspicaz para se aproximar das diversas nações indígenas que descreveu, dócil quando necessário, e audacioso sempre que possível, mesmo em relação a outros funcionários régios.

Sobre as atribuições intelectuais referentes a mineralogia, geografia, etc., a memória sobre a Gruta das Onças, ou a Gruta do Inferno podem certamente advogar em seu favor. O fato de Alexandre ter participado da organização de pelo menos dois dos manuais

---

<sup>27</sup> PATACA, Ermelinda Moutinho. *Terra, agua e ar nas viagens científicas portuguesas (1755-1808)*. Campinas: Unicamp, 2006. (Tese de Doutorado) p. 11.

produzidos pela Academia, antes de efetivamente compor uma Expedição filosófica não pode ser considerado único fator a propiciar que ele se enquadre nestas características gerais. De fato a expedição que liderou na Amazônia reuniu a maior coleção natural possível na época, mas sem lhe tirar o mérito, é preciso recordar que o fato de os “práticos” o estarem auxiliando pode ter adiantado e muito o seu tempo real de trabalho entre observar, recolher descrever preparar embalar e enviar rio abaixo, ou acima, além de escrever os diários, responder e copiar cartas e simplesmente descansar.

O ideal de Viajante Filósofo Naturalista vigente no século XVIII não era o de um herói romântico como se observa para o século XIX. Ele é inspirado nas características de homens reais, retirados das experiências bem-aventuradas ou não de outros viajantes. Os manuais como o *Método de Recolher*, ou o *Compêndio de Observações de Sá*, correspondem as práticas que já eram comuns aos naturalistas, e não a grandes métodos inovadores que nenhum deles conhecesse. Por isso talvez a facilidade em se enquadrar Rodrigues nos padrões citados nos manuais. Ele já os conhecia pelas obras de outros autores, e ajudou a escrever tais modelos em português; tendo a base teórica, não foi tão difícil ir para a prática.

Lembrando apenas que em Portugal a História Natural tanto dos territórios do reino como das colônias foi impulsionada diretamente pelo Estado, na figura de Martinho de Melo e Castro. O mais metódico e perfeccionista dos naturalistas não estaria fazendo mais que a sua obrigação, e que qualquer deslize poderia virar uma ofensa tanto ao Estado, como pessoal ao Ministro. Foi este o caso de João da Silva Feijó, que mandado a explorar as Ilhas de Cabo Verde, ainda foi punido com a tutela de um clérigo, o Bispo do arquipélago, D. Francisco de São Simão. Sua situação piora gradativamente quanto mais se envolve naquilo que Pereira denomina “administração por intriga”.<sup>28</sup> Dentre as diversas reclamações que faz contra seu preceptor, e a elite local, que acabam se tornando pontos contra o

---

<sup>28</sup> Op. cit, PEREIRA, Um Jovem Naturalista. p. 36.

naturalista aos olhos de Melo e Castro, está a de seu próprio estatuto de naturalista. Ele reclama que ao contrário dos demais colegas, está sozinho, sem nenhum assistente, ou desenhista que o auxilie e acompanhe na observação e recolha dos materiais, e que por isto seu trabalho é tão demorado. Não cabe aqui julgar por que Feijó teve mais material editado em vida que Rodrigues, ou querer comparar as coleções produzidas em suas viagens, mas até que ponto foram o reflexo do viajante ideal setecentista corajoso e cuidadoso, audacioso e ponderado, forte para resistir à natureza hostil, e ponderado e polido no trato social, além de possuir todos os conhecimentos referentes à Filosofia Natural, e mais alguns que a complementem.

Comparei os casos dos dois naturalistas contemporâneos e que exploraram locais tão diferentes entre si, em circunstâncias igualmente diferentes, para mostrar que os manuais não estavam criando o perfil do viajante, mas disseminando para os menos experientes, e mesmo àqueles que não estudaram Filosofia Natural o que era necessário para enviar produções naturais satisfatórias aos Gabinetes, Jardins e Museus. O Viajante setecentista, o Naturalista é que parece estar sendo refletido nestes manuais, e não sendo criado por estes.

## BIBLIOGRAFIA

- BOURGUET, Marie-Noeile. O explorador. In: VOVELLE, M. *O homem do Iluminismo*. Lisboa: Presença, 1997. p. 209-249.
- CAMARGO, Téa. Colecionismo, Ciência e Império. Ata da VI Jornada Setecentista. Curitiba: Aos quatro Ventos. 2006. p. 576-587.
- CRUZ, Ana Lúcia Rocha Barbalho da. *Verdades por mim vistas e observadas oxalá foram Fábulas Sonhadas: Cientistas brasileiros do Setecentos, uma leitura auto-etnográfica*. Curitiba:UFPR, 2004. (Tese de Doutorado).

\_\_\_\_\_. As Viagens são os viajantes: Dimensões Identitárias dos Viajantes Naturalistas Brasileiros do século XVIII. *História: Questões e Debates*, n. 36, Curitiba: Editora UFPR, 2002.

DOMINGUES, Ângela. Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, VIII, 2001. pp. 823-838.

DUCHET, Michele. *Antropología e Historia en el ciclo de las luces*. México: Siglo XXI Editores, 1988.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Viagem filosófica pelas capitâncias do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*. Memórias: antropologia. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1974.

*Methodo de Recolher, Preparar, Remeter, e Conservar os Produtos Naturais. Lisboa. Segundo o plano que tem concebido, e Publicado alguns Naturalistas, para o uso dos curiosos que visitam os sertões, e costas do Mar*. Lisboa: Academia de Ciências, 1781.

MOUTINHO, Lucia Amorim. *A Produção Iconográfica de Angelo Donati no Contexto Ilustrado Português*. Curitiba: UFPR, 2006. (Monografia – Graduação em História).

PATACA, Ermelinda Moutinho. *Terra, agua e ar nas viagens científicas portuguesas (1755-1808)*. Campinas: Unicamp, 2006. (Tese de Doutorado).

PEREIRA, M. R. de M. Um jovem naturalista num ninho de cobras: A trajetória de João da Silva Feijó em Cabo Verde, em finais do séc. XVIII. *História: Questões e Debates*, n. 36, Curitiba: Editora UFPR, 2002.

\_\_\_\_\_. e CRUZ, Ana Lúcia R. B. da. *Instructio Pregrinatoris: Algumas questões referentes aos manuais portugueses sobre métodos de observação filosófica e preparação de produtos naturais da segunda metade do séc XVIII*.

RAMINELLI, Ronald. Ciência e colonização – Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. *Tempo*, v. 3, n. 6, 1998. p. 157-182.

- \_\_\_\_\_. Do conhecimento físico e moral dos povos: iconografia e taxionomia na Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, VIII, 2001. p. 969-992
- SÁ, José Antonio de. *Compendio de Observações que formão o plano da Viagem Política, e filosófica, que se deve fazer dentro da pátria*. Dedicado a sua Alteza Real o sereníssimo Príncipe do Brasil. Pelo Doutor José Antonio de Sá. Oppositor as cadeiras de leis da Universidade de Coimbra, e correspondente da Academia de Sciencias de Lisboa. Lisboa: Academia de Ciências de Lisboa, 1783.
- SALLAS, Ana Luisa Fayet. *Ciência do Homem e sentimento de natureza: viajantes alemães no Brasil do séc. XIX*. Curitiba: UFPR, 1997. (Tese de Doutorado).
- SILVA, Clarete Paranhos da. *O desvendar do grande livro da natureza: um estudo da obra do mineralogista José Vieira Couto, 1798-1805*. São Paulo: Annablume, 2002.
- TORRÃO FILHO, Amilcar. *A arquitetura da alteridade: a cidade luso-brasileira na literatura de viagem (1783-1845)*. Campinas: UNICAMP, 2006. (Tese de Doutorado).
- VIDIGAL, A. J. M. *Methodo De fazer observaçoens e exames necessários para o augmento da Historia Natural com os meios de preparar, conservar, e dispor nos Museos os diversos productos da Natureza*